



Red Latinoamericana de
GERONTOLOGÍA

**CONCURSO DE EXPERIENCIAS GERONTOLÓGICAS
“UNA SOCIEDAD PARA TODAS LAS EDADES”**

**Cuarta Edición
Año 2010**

**PRIMER PREMIO
CATEGORÍA PERSONAS NATURALES**

APROXIMANDO GERAÇÕES PELA ESCRITA: PALAVRAS QUE ESTIMULAM

**AUTORAS
Divina De Fátima Dos Santos* y Maria De Lourdes Franchi Lima**
BRASIL**

Eixo Temático:

- Promoção de solidariedade e convivência entre as gerações
- Experiências educativas

*Divina De Fátima Dos Santos es Pedagoga, Psicóloga, Psicopedagoga, Psicodramatista e Mestre em Gerontologia. Atualmente trabalha como consultora ministrando cursos e palestras na área do envelhecimento humano e na realização de encontros co-educativos unindo diferentes gerações, no litoral norte de São Paulo. É voluntária da ABRINQ pelos direitos da criança e do adolescente e do CREMI – Centro de Referência da Melhor Idade na Cidade de Caraguatatuba-SP. Correo-e: divinafs@ig.com.br

**Maria De Lourdes Franchi Lima es Orientadora Educacional, Coordenadora Pedagógica, Profª Do Ensino Fundamental e Profª De Educação Artística. Coordenadora Pedagógica de jardim à 4ª série. Orientadora Educacional de Jardim à 4ª série. Trabalho desenvolvido junto aos alunos, pais e professores, acompanhando o processo de ensino-aprendizagem do aluno, orientando-o para um melhor desempenho. Professora de Educação Básica (1º ao 5º ano) do ensino fundamental, na Rede SESI de Ensino de São Paulo desde 2006, trabalhando também com valores, ética e cidadania até o momento presente.

RESUMO DA EXPERIÊNCIA:

Este trabalho constitui-se da realização de uma atividade pedagógica baseada na troca de cartas utilizadas como forma de comunicação entre idosos e crianças. Participaram desta experiência estudantes do curso da EJA (Educação de Jovens e Adultos) com idades variando entre 18 e 72 anos em fase de letramento e crianças do ensino fundamental com idades entre 8 e 10 anos de uma instituição de ensino ligada a indústria, localizada na periferia da cidade de São Paulo. A troca de cartas ocorreu no período de 2008 e 2009. Os assuntos abordados deram abertura para inúmeras discussões entre os estudantes que puderam refletir sobre temas relacionados ao envelhecimento, à religiosidade, à perseverança, à alteridade, às diferentes formas de comunicação, ao mundo do trabalho e à aposentadoria. Todos estes temas provocaram reflexões tanto por parte das crianças quanto por parte dos idosos. A análise dos dados aponta que a troca de cartas promove uma interação saudável entre os estudantes e favorece o processo de mudança de atitudes e de construção de valores éticos que é importante na vida escolar, familiar e social tanto dos idosos quanto das crianças participantes. As alterações ocorridas por meio dessas vivências podem propiciar ou facilitar um convívio mais saudável entre diferentes gerações no âmbito da escola e nos mais diferentes espaços sociais da vida cotidiana. Estas constatações indicam a importância de atividades interdisciplinares com foco na questão da intergeracionalidade.

Palavras-chave: relações intergeracionais, cartas e comunicação, co-educação entre gerações.

INTRODUÇÃO.

A experiência aqui descrita ocorreu como parte de um processo pedagógico realizado por meio de troca de cartas entre alunos de uma instituição de ensino localizada na periferia da cidade de São Paulo, mais especificamente, entre crianças do ensino fundamental e alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) em processo de alfabetização.

Embora o uso de cartas no meio educacional não seja novidade, o foco desta vivência se direcionou não apenas para os ganhos pedagógicos, mas, principalmente, para a perspectiva intergeracional, visando aproximar estudantes de diferentes idades, períodos escolares e níveis sócio-econômicos. Nossa proposta foi de favorecer e estimular a construção de uma convivência respeitosa, pautada em valores éticos e morais entre cidadãos independentes da idade, gênero e classe social. Seguimos também o pensamento de Paulo Freire (1983, p.27-8) segundo o qual “a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados. Estamos todos nos educando”.

Para Goldfarb e Lopes (2006), a aproximação de diferentes gerações, sobretudo entre jovens e idosos, pode promover e facilitar o crescimento emocional de ambos, enfraquecendo os preconceitos e estimulando o desejo de viver plenamente a vida cultural e social. A relevância desta aproximação entre gerações tem implicações sociais associadas ao sofrimento emocional e ao decorrente custo econômico provocado por um indivíduo com baixa auto-estima.

Por inúmeras razões, os alunos da EJA, sobretudo os mais idosos e em fase de letramento, não tiveram oportunidade de aprender a ler e a escrever quando eram crianças e, de certa forma, sentem-se inferiorizados, com baixa auto-estima e excluídos da sociedade. Esse sentimento de inferioridade provoca um retraimento que ocasiona um medo de escrever, de se colocar e de expressar o que se pensa em palavras postas no papel, pois imaginam que ninguém se interessará por suas produções.

Ao utilizar cartas como material de apoio pedagógico, muitas barreiras podem ser quebradas, pois o adulto, ao ver que uma criança escreveu a ele, sente-se na mesma “obrigação” no sentido de não decepcionar aquele pequeno ser que ainda em formação espera por sua resposta e “necessita” ser estimulado na escola, para levar os estudos a sério e para não passar pelos mesmos sofrimentos aos quais os adultos interlocutores foram submetidos ao longo de suas vidas.

Por outro lado, hoje, a comunicação das crianças, seja na *internet*, seja por meio de torpedos em celulares, é fragmentada e composta por inúmeros códigos eletrônicos e informais, visto que elas crescem em um mundo cercado por outras formas de comunicação igualmente válidas (CUNHA, 2002).

Ao escrever uma carta, é possível produzir um maior contato com a própria história e com a história do outro; isto possibilita a troca de informação e aproxima as pessoas no ato de compartilhar suas experiências, abrindo espaço para a imaginação e para a criatividade, bem como para a cumplicidade, além de banir o sentimento de solidão (BOLLÉME, 1988).

Um dos problemas enfrentados no mundo contemporâneo e mais precisamente nas grandes cidades é a dificuldade de convívio entre as diferentes gerações em função das inúmeras responsabilidades às quais as pessoas estão sujeitas. Desde muito cedo, crianças cada vez menores vão à escola, e passam a conviver apenas com outras crianças de sua faixa etária e alguns poucos educadores e cuidadores adultos. Também os adolescentes ficam a maior parte do tempo nas escolas e convivem com outros jovens muitas vezes unidos pelos mesmos comportamentos, idéias e valores.

Os pais frequentemente buscam seus filhos na escola ao final de um dia de trabalho e em função dos afazeres domésticos ocorre pouca ou nenhuma interação entre eles. O universo dos adultos em grande parte se resume ao mundo do trabalho, e alguns espaços de convivências sociais, políticas ou religiosas; nestes locais, boa parte dos adultos se relaciona apenas com outros adultos (FERRIGNO, 2003).

Em todas as sociedades, as crianças necessitam adquirir algum tipo de habilidade valorizada no meio em que vivem, e aprender a ler, a escrever, a contar e a utilizar computadores são alguns dos exemplos de atividades importantes encontradas nas sociedades atuais. Estes aprendizados ajudam, deste modo, na ampliação da auto-estima do ser humano em desenvolvimento.

Nesse sentido, as crianças participantes desta atividade, ao serem solicitadas a escreverem cartas para outros estudantes também em fase de alfabetização e com idades mais avançadas que elas, tiveram a oportunidade de realizar uma tarefa – “trabalho” – que de certa

forma exigiu responsabilidade e dedicação delas, pois desde o recebimento da carta até o envio de uma resposta, elas necessitaram refletir, elaborar e executar tarefas que exigem organização e que levam a um produto final – a carta – visto que, do outro lado do processo, existia uma pessoa à espera da resposta.

O encontro de gerações pode ser positivo e benéfico e dessa forma trazer enriquecimento mútuo, mas pode também significar tristezas se o convívio for conflituoso. É preciso salientar que existem inúmeras diferenças sociais e comportamentais impostas pela cultura, além da questão da idade. Assim, o ser humano necessita aprender a conviver com pessoas de diferentes etnias, credos e gêneros, bem como com as diferenças de ordem econômica, política e cultural.

Pode-se dizer que, a educação tem um papel primordial, pois possibilita maior reflexão e altera comportamentos negativos no que se refere ao processo de envelhecimento. Todas as pessoas, independentemente da idade, podem preparar-se para viver as diferentes fases da vida, livres de preconceitos se a convivência intergeracional for estimulada. A co-educação entre diferentes gerações pode ao longo da vida de uma pessoa torná-la mais humana e mais tolerante, além de melhorar a qualidade de vida de todos na sociedade (FERRIGNO, 2003).

FUNDAMENTAÇÃO: RAZÃO DE SER DA EXPERIÊNCIA.

O encontro intergeracional e a co-educação, como a vivenciada pelos estudantes desta instituição, ocorreram como parte de uma programação pedagógica escolar e constituíram-se de uma vivência de caráter interdisciplinar, numa interface entre a educação, a comunicação, a gerontologia e a psicologia, uma vez que as diferentes áreas do saber dialogaram entre si, permitindo uma formação mais completa e significativa para os estudantes, numa relação de respeito e valorização do conhecimento prévio de cada um e promovendo uma integração real entre os sujeitos (FAZENDA, 2008).

No mundo atual, assistimos à configuração e ao fortalecimento da lógica do capital numa sociedade cada vez mais globalizada e voltada para o consumo. Assim sendo, a escola necessita rever seu verdadeiro papel de educar, não se limitando à simples transmissão de conhecimentos a serem assimilados pelos alunos, mas sendo flexível no sentido de realizar novas experiências em seu interior, e possibilitar a ressignificação do ensinar e do aprender envolvendo toda a comunidade escolar. A escola necessita conceber o aluno como “uma pessoa, uma identidade em formação, acolhendo as dimensões afetivas, subjetivas, estéticas, culturais a ele inerentes” (NADAL, 2009 p. 30).

Dessa forma, devemos enfatizar que cabe à escola preocupar-se com o desenvolvimento dos alunos no seu sentido mais amplo e tendo em vista uma formação voltada para todas as fases da vida, além de torná-lo autônomo, crítico e consciente em relação ao mundo em que vive, preservando valores éticos em favor de uma sociedade solidária (LIBÂNEO, OLIVEIRA e TOSCHI, 2006)

A partir das reflexões apresentadas e destacando o novo papel que se espera da escola na atualidade, torna-se perceptível o valor da vivência intergeracional, como no caso desta

experiência, que revela o significado da co-educação entre crianças e idosos o que permitiu, por meio da realização de um processo diferenciado de comunicação, desencadear novas formas de consciência em relação ao mundo em que vivem.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA.

A atividade baseou-se em trocas mensais de cartas escritas pelos estudantes da EJA e crianças do ensino fundamental I.

A cada troca de carta, tanto no momento da sua elaboração envolvendo a escrita e envio como no momento do recebimento e leitura das respostas, os alunos envolvidos tiveram a oportunidade de trocar idéias e refletir sobre os assuntos ali descritos, levando-os a rever suas posturas diante de diferentes fatos e situações, uma vez que as cartas eram socializadas com todos os colegas da sala de aula.

A escolha dos seus interlocutores ocorreu de forma aleatória. A carta inicial que originou todo o processo de troca de correspondências foi escrita pelos alunos da EJA e o seu destinatário não foi identificado. No envelope da primeira carta constava apenas “para o (a) amigo (a)”, isto porque os estudantes ainda não tinham os nomes das crianças com as quais iriam se corresponder. O mesmo ocorreu com as crianças que, antes de receberem as cartas, também não sabiam quem era a pessoa que tinha escrito para elas.

Tanto em 2008 quanto em 2009, a primeira carta foi escrita no mês de julho e a última, em dezembro com a construção de um cartão de natal. É importante lembrar que embora os adultos e as crianças estudem na mesma instituição e estejam no Ensino Fundamental I, a programação e o plano das aulas são diferentes.

A decisão de que as cartas fossem escritas a partir do segundo semestre se deu em função dos alunos estarem ainda em processo de alfabetização. Devido a este fato, necessitavam melhorar as habilidades de escrita para que a correspondência se tornasse viável e ao mesmo tempo trouxesse algum ganho pedagógico e uma maior articulação no desenvolvimento dos assuntos abordados.

Alguns alunos da EJA não conseguiram escrever suas cartas sozinhos, necessitando do auxílio de colegas e da professora, pois ainda não estavam completamente alfabetizados e tinham dificuldades para realizar a tarefa. Estes alunos tiveram suas cartas lidas e redigidas por colegas já alfabetizados a quem ditavam o conteúdo que gostariam que fosse escrito. Esta vivência permitia uma interação e troca intergeracional na própria sala da EJA, pois, como relatado anteriormente, a idade da turma variava entre 18 e 72 anos.

Para motivar os alunos e iniciar a experiência com as cartas, foram exibidos e debatidos dois filmes com os alunos da EJA. O primeiro foi “Central do Brasil” (Brasil, 1998), um filme dirigido por Walter Salles, tendo no elenco Fernanda Montenegro, Vinícius de Oliveira e Marília Pêra, entre outros. O filme conta a história de uma professora aposentada que complementa sua renda escrevendo cartas para pessoas analfabetas que circulam pela estação de trem Central do Brasil,

no Rio de Janeiro; lá ela conhece e ajuda um garoto – após a morte de sua mãe vítima de atropelamento – cujo sonho é encontrar seu pai no interior do nordeste.

O segundo filme foi “Narradores de Javé” (Brasil, 2003), dirigido por Eliane Caffé e tendo em seu elenco José Dumont, Matheus Nachtergaele, Jorge Humberto e Santos, Gero Camilo e Néelson Dantas. O filme conta a história do povoado de Javé que – na trama – será alagado e desaparecerá do mapa após a criação de uma usina hidroelétrica. O povoado local resolve, então, escrever sua história como único patrimônio local; contudo, apenas uma pessoa poderá escrever a memória da vila, pois todos os demais são analfabetos.

Os alunos participaram de algumas pesquisas sobre os diferentes tipos de cartas na biblioteca da escola e tiveram ainda a oportunidade de conhecer a história do surgimento das cartas e de toda técnica de produção e elaboração dos diferentes tipos epistolares.

OBJETIVOS.

Os principais objetivos deste trabalho foram:

- * Utilizar cartas como método pedagógico de apoio no sentido de estimular o encontro intergeracional e o significado desse encontro para os envolvidos.
- * Contribuir para se repensar o modelo educacional de modo a possibilitar a aprendizagem por meio de cartas numa perspectiva co-educativa e de construção de valores éticos sociais importantes no mundo atual.
- * Educar para o envelhecimento.

PARTICIPANTES.

Os participantes desta experiência foram estudantes de diferentes idades, períodos escolares e níveis sócio-econômicos de uma instituição de ensino localizada num bairro periférico da cidade de São Paulo nos anos de 2008 e 2009, por iniciativa das professoras, autoras desta proposta. Os alunos do curso noturno da EJA (Educação de Jovens e Adultos) estavam em fase de letramento (1ª a 4ª séries) e tinham idades entre 18 e 72 anos. No ano de 2008, as crianças estavam no 4º ano do ensino fundamental I, no período vespertino e tinham aproximadamente 10 anos. Já no ano de 2009, as crianças cursavam o 3º ano do novo currículo escolar, na modalidade integral, e tinham na sua maioria cerca de 8 anos de idade.

A grande maioria das crianças faziam cursos extra-curriculares envolvendo, por exemplo, esportes, música, teatro e inglês, e eram filhos de funcionários que trabalhavam nas indústrias da região.

Os alunos da EJA frequentavam um curso específico para a alfabetização de adultos e, na mesma sala de aula, existiam alunos em diferentes idades (18 a 72 anos) e etapas do processo da alfabetização. Esses estudantes são na sua maioria pessoas oriundas de estados do nordeste brasileiro e não tiveram oportunidade de frequentar escolas ao longo de suas vidas, por inúmeros

motivos. Alguns viveram em locais em que não existia escola pública há 40 ou 50 anos; outros trabalharam desde criança para ajudar financeiramente os pais e os irmãos

A maioria dos estudantes da EJA pertence a uma classe social menos favorecida; em geral, são aposentados ou ocupam funções com pouca qualificação e reconhecimento no mercado de trabalho, como faxineiro, ajudante, diarista, padeiro, doméstica, borracheiro e gari, devido a sua condição de semi-analfabetos.

ATIVIDADES.

As atividades propostas percorreram vários contextos e dimensões do processo educativo como: ensinar os alunos a escrever; aprimorar a escrita daqueles que já escreviam; estimular e ampliar os vínculos intergeracionais e a co-educação entre alunos de diferentes idades por meio da troca de cartas nos dois anos da experiência, por meio de reflexão e debate acerca dos assuntos abordados nas diferentes cartas; trabalhar todo processo de elaboração, estética e coesão de texto, de acordo com as exigências da norma culta da língua portuguesa.

RESULTADOS.

As cartas iniciais trouxeram em seus conteúdos palavras de curiosidade que evidenciavam um interesse em saber um pouco mais sobre as pessoas com as quais os alunos se correspondiam, tais como descrições físicas e comportamentais, bem como um forte desejo de conhecerem-se.

Os alunos da EJA de início desconfiaram da capacidade de crianças tão pequenas serem capazes de compreendê-los, bem como demonstraram temor sobre se seriam aceitos, como registrado nos relatos a seguir:

“Pra que vou escrever para uma criança? Elas não sabem nada da vida!”; “Na minha vida só tem desgraça, se eu escrever sobre mim, ou essa criança vai rir da minha cara ou vai chorar de tristeza!”; “Desde quando uma criança vai ligar para o que uma velha escreve? Criança não gosta de gente velha não!”

Um dado relevante foi o fato de as crianças envolveram-se bastante com os assuntos de seus interlocutores da EJA, chegando inclusive a emocionarem-se ao ler determinados assuntos, o que foi relatado pelos funcionários da escola. Alguns deles entristeceram-se ao descobrir que as pessoas com as quais se correspondiam eram mais velhos que seus pais ou avós e ainda não sabiam escrever, chegando a questionar a professora e os pais sobre estas constatações, o que denotou uma tomada de consciência sobre a sociedade em que vivem.

Com o passar do tempo, observou-se que os ganhos indiretos deste trabalho foram muito significativos, em virtude das falas e das expressões dos alunos, sobretudo dos alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), como pode ser observado nas falas de estudantes da EJA apresentadas a seguir: *“Ninguém, nunca escreveu para mim, esta é a primeira carta que recebo na vida”* e *“As palavras dessa menina me emocionam tanto que perco as idéias na hora de responder a ela”*.

Outro dado extremamente relevante constatado logo no início desta experiência foi a reação de alguns alunos da EJA contrários a um possível encontro com as crianças ao final do ano letivo como revelam este relatos:

“Meu Deus! Eu não quero conhecer essas crianças não! Na hora que elas virem a gente vão ficar decepcionadas, é melhor a gente só escrever sem se conhecer. A gente é tudo feia e velha, elas não vão gostar de saber que a gente é desse jeito!”; “Deus me livre! Já pensou a cara que vão fazer quando virem que a gente é tudo velha e burra! Nem ler a gente sabe direito!”

Esses depoimentos revelaram sentimentos quanto à possibilidade de decepcionar as crianças por não se enquadrarem nos padrões de beleza que acreditam pertencerem apenas às pessoas jovens, uma vez que se acham velhas. Estas palavras traduzem uma opinião sobre o ser velho, que não é apenas o que o corpo mostra, mas principalmente a sensação de velhice da qual parece que algumas alunas da EJA se ressentiam.

Existe aqui, por parte dos alunos idosos, uma grande preocupação com suas aparências – se acham velhos e feios – e com a possibilidade de desapontar seus interlocutores, que são jovens e bonitos. Há, por parte de alguns alunos, o sofrimento com suas aparências envelhecidas e sofridas; por isso, acreditavam que podiam assustar as crianças. Na verdade, os alunos da EJA são vítimas da condição social que prega que a beleza e a juventude são necessárias para o sucesso na vida; eles não se incluem neste roteiro, pois estão fora do padrão imposto pela sociedade, que é refletido e reforçado pela mídia.

A troca de cartas entre os estudantes permitiu que, ao longo do processo, os alunos que estavam receosos fossem se acalmando a cada nova carta recebida ou escrita por eles, pois foram aos poucos escrevendo sobre si mesmos. Com o tempo, ganharam segurança e foram percebendo, ao tomar conhecimento do conteúdo das cartas recebidas, que seus interlocutores não estavam preocupados com suas aparências físicas, mas sim com suas palavras.

Segundo Mucida (2004), uma pessoa encontra a velhice quando perde o desejo pela vida. No entanto, os alunos da EJA, sobretudo os mais idosos, voltaram para a escola justamente porque desejam aprender a ler e escrever, e só não o fizeram antes porque não tiveram oportunidade quando criança: eles voltam aos bancos escolares com um sonho que desejam realizar. Portanto, se encontraram a velhice, não perderam o desejo pela vida. Ao contrário, estão vivendo plenamente o novo momento – aprendendo a ler e a escrever.

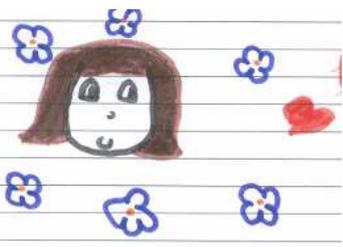
No início, as primeiras cartas escritas pelos alunos da EJA se limitavam somente à redação de um texto. Contudo, assim que as primeiras respostas das crianças chegaram, eles constataram que elas traziam em seus conteúdos inúmeras ilustrações – pequenos desenhos feitos pelas crianças ou ainda adesivos tanto nas cartas quanto nos envelopes – além de abusarem das cores. Isso os influenciou imediatamente e a alegria tomou conta do grupo, pois perceberam que foram aceitos pelas crianças e que elas não se limitavam a apenas escrever: notaram, deste modo, a existência de uma comunicação diversificada e personalizada, rica em cores e recursos gráficos.

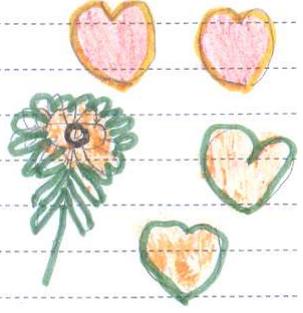
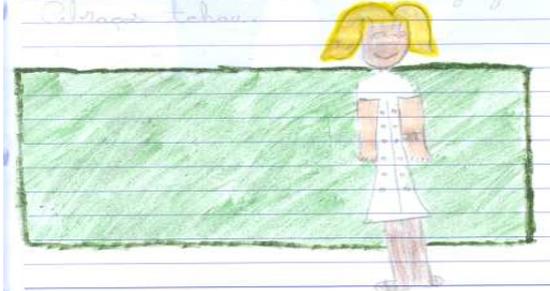
Com o objetivo de resolver as inúmeras dificuldades no momento de retribuir as ilustrações das cartas recebidas, os alunos da EJA utilizaram-se de alguns recursos: ou

compraram adesivos infantis nas papelarias próximas à escola ou recortaram figuras de diferentes revistas em sala de aula, ou ainda solicitaram aos colegas para fazerem desenhos em suas cartas. Dessa forma, presenciamos em sala um verdadeiro intercâmbio entre todos os alunos de diferentes idades e gêneros.

Uma iniciativa de um senhor de 66 anos foi interessante: muito discretamente ele chegou em sala com uma cartela de adesivo e acabou contagiando os demais colegas que solicitaram a ele para que cedesse os adesivos que não utilizaria, pois também desejavam colar figuras em suas correspondências.

Um jovem estudante da EJA de apenas 20 anos de idade chegou a fazer algumas brincadeiras com os colegas mais velhos de turma dizendo que desenho era coisa para mulher e que homem tinha que fazer carta de homem. Porém, o colega, embora não tivesse colocado em suas cartas nenhuma ilustração, não conseguiu desestimular os demais colegas com seu comentário estereotipado. Ele foi um dos poucos alunos que preferiram não ilustrar suas correspondências. “Processos de co-educação entre gêneros ou etnias são exemplos de tentativas de aproximação dos diferentes” (FERRIGNO, 2009 p. 281). Abaixo, seguem algumas dessas ilustrações realizadas ao longo do projeto por alunos de gêneros e idades diferentes e que foram enviadas aos seus interlocutores.

		
(Adesivo) Aluno da EJA	(Símbolo) Criança	(Desenho livre) Criança

	
(Desenho livre) Aluna da EJA	(Desenho livre) Criança

Nas cartas, várias crianças comunicaram seus pensamentos por meio dos seus desenhos, sendo esta uma forma de comunicação social constituidora da consciência humana: a linguagem está ligada, portanto, ao processo de imaginação. O desenvolvimento da linguagem escrita na

criança encontra-se no deslocamento do desenho de coisas para o desenho de palavras. Pode-se dizer que é nesse processo de transição que ocorre o desenvolvimento do simbolismo no desenho.

Sabemos que a religiosidade no Brasil é muito forte e seu apelo se fez presente na maioria das narrativas, aparecendo ou na saudação ou na despedida das cartas. Vale destacar que a grande maioria dos alunos desta unidade escolar é religiosa. Algumas frases das cartas demonstram explicitamente esta característica:

```
[...] se Deus quiser logo estarei escrevendo melhor [...]  
[...] Deus te abençoe [...]  
[...] Deus te proteja [...]  
[...] Estou bem, graças a Deus [...]
```

Assuntos referentes à religiosidade apareceram em uma sucessão de cartas, gerando vários debates envolvendo muitos estudantes, o que possibilitou um grande aprendizado educacional, social e de valores, pois permitiu que os alunos refletissem sobre suas condutas diante da grande diversidade de pessoas existentes em nosso país, mostrando que o respeito à diversidade é tão importante quanto a própria orientação religiosa, étnica, etária, de gênero, política, econômica e social.

No trecho abaixo, a criança escreve para sua interlocutora que tem dificuldades na escrita, mas que se esforça para aprender e também menciona a necessidade de ser perseverante e que acreditar em Deus ajuda a superar obstáculos.

```
[...] eu sei que com fé em Deus nós duas poderemos melhorar. Eu também  
tenho minhas dificuldades na escrita [...] E tudo que coopera para o bem  
daqueles que amam a Deus!!! Finalizo esta carta com beijos e abraços!  
Que Deus te abençoe!!! [...]
```

Já nesta outra carta a senhora faz uma pequena descrição de si e, responde a sua interlocutora, afirmando que ela, assim como Deus, gosta de todas as pessoas como pode ser observado:

```
[...] Eu sou uma pessoa de idade, minha leitura é pouca, mas espero em  
Deus que vou aprender mais. Eu sou baixinha, cabelos grisalhos, mas gosto  
de todas as pessoas, crianças e adultos. Deus gosta das pessoas assim  
[...] Seja sempre essa menina estudiosa. Que Deus te proteja e ilumine  
seu caminho [...]
```

Nas cartas, apareceram assuntos sobre aposentadoria e sobre a dificuldade de recolocação no mercado de trabalho devido à falta de qualificação profissional ou ainda pela idade avançada. Assim, as crianças tiveram a oportunidade de, por meio de suas narrativas, depararem-se com essa nova realidade que estava de certa forma distante delas, além de refletir sobre o mundo do trabalho e sobre a necessidade humana de sermos produtivos, independentes e úteis à sociedade.

As palavras da aluna abaixo foram escritas após ela ter participado ao longo do dia de alguns processos seletivos à procura de trabalho. Segundo a aluna, em um dos locais a que compareceu, a entrevistadora disse que ela era velha demais para o cargo e que não conseguiria

dar conta do serviço ao qual se candidatava. Muito angustiada e incomodada com sua condição de velha e desempregada, ela desabafou com a criança.

[...] Fiquei feliz com sua carta, mas hoje estou triste por que procurei trabalho e não consegui, acho que é por causa da minha idade. [...]
Sou vó de 4 netos, são lindos e maravilhosos. Você tem vó?
Eu às vezes cuido dos meus netos. [...]

A seguir, apresentamos uma outra carta sobre aposentadoria:

[...] Gostei muito de receber sua carta, pois você me encheu de alegria no meu coração. [...] eu sou uma pessoa de idade [...]
Estou tentando me aposentar, não posso mais trabalhar, minha idade não dá mais [...]Gostaria de encontrar com você para te conhecer melhor e te abraçar gostoso. Eu já sou bisavô e tenho netos da sua idade são todos lindos. [...]

Neste caso, a senhora de 66 anos de idade e com a saúde um pouco debilitada estava um pouco triste pela demora do recebimento de sua aposentadoria e em função da idade, já não conseguia empregos, encontrando-se em séria dificuldade econômica e financeira e vivendo apenas de alguns poucos “bicos” que conseguia. Ela comentou na escola que já estava descrente de que receberia o benefício do INSS, mas que após escrever a carta e dividir sua angústia com uma criança, sentiu-se mais leve e com nova esperança, sobretudo porque sentia uma força muito grande vinda da carta resposta da criança. Segundo suas palavras, as cartas estavam guardadas em lugar muito especial, pois depois de corresponder-se, conquistou mais energia para continuar a viver.

As crianças, dentro das suas possibilidades, procuraram elevar a auto-estima dos seus interlocutores, evidenciando que estavam na torcida por suas futuras conquistas: aprender a ler e escrever, assim como se recolocar no mercado de trabalho, realizar os sonhos e de não desistir ao deparar com os obstáculos, como podem ser observado nos diferentes exemplos a seguir:

[...] Eu também fiquei feliz com sua carta.
Não fique triste você vai achar seu trabalho.
Aposto que suas netas são lindas.
Logo, logo você vai aprender a ler e a escrever bem [...]

[...] Minha amiga, falo para você não perder essa garra e força pelos estudos [...]

[...] Você não pode ficar desanimada e triste, você tem que pensar que pode e eu sei disso [...] Não desista! Fica com Deus.

Após ler as respostas das crianças, os alunos da EJA enviam em suas respostas mensagens mostrando que foram tocados pelas escritas dos pequenos.

[...] Nesta carta darei minha notícia, e será um prazer te conhecer.
[...] Seus pais te ajudam na escola e a minha professora também me ajuda a escrever, eu espero que na próxima carta eu consiga fazer sozinho.

Mesmo com dificuldade eu não vou desistir de estudar, meu objetivo é ler e escrever bem. Não existe vitória sem luta, quem tem fé não tem derrota e sim vitória.

[...] Oi, tudo bem com você? Comigo está tudo bem. Fiquei feliz com sua cartinha, pela força que está me dando. As vezes eu fico triste e desanimada, mas não vou desistir. Assim como você, eu tenho esperança que vou conseguir. [...]

[...] Fiquei feliz de você ter dado importância a minha carta, você escreve muito bem, continue assim [...] Eu comecei a estudar agora, tenho 3 anos, ainda não sei escrever, mas gosto de estudar
[...] Vou torcer para você se tornar uma grande professora, a minha me ajudou a fazer esta carta. [...]
Um beijo da sua amiga [...]

A questão da alteridade apareceu na maioria das cartas, contudo para aprofundar esse tema destacamos o trecho de uma carta abaixo, pois ele permitiu um debate profundo entre os colegas de sala sobre alguns estereótipos e generalizações sociais. A garota que redigiu o trecho revelou um outro lado do mundo infantil, desconhecido pelos idosos, após mencionar que faltava com certa frequência à escola para tratamento médico. Isto de certa forma surpreendeu não só a aluna da EJA, mas toda a sala. Quando sua carta foi socializada com os colegas, ela comentou que, em seu imaginário, sempre que olhava para uma criança, enxergava um ser jovem, saudável e feliz, portanto sem problemas, mas, ao ler a carta, percebeu que a menina também tinha dificuldades e necessitava de cuidados com a saúde. A aluna idosa que se correspondia com a criança afirmou sensibilizar-se com a resposta da menina e que, ao tomar conhecimento disso, mudou a forma de relacionar-se com outras crianças:

[...] Olha, eu não tenho muito tempo para estudar porque estou sempre faltando para ir ao médico porque tenho artrite [...] eu estudo no SESI desde os 4 anos de idade.
[...] eu sou bem quieta e tímida [...]
Muitos beijos de sua amiga [...]

Esse tema foi muito debatido entre os estudantes, pois a grande maioria das pessoas associa doença à velhice e saúde à juventude. Portanto, pode-se dizer que o debate proporcionado por estas correspondências permitiu uma aprendizagem significativa não só a ambas, mas também aos seus colegas de classe e aos familiares.

Em um outro exemplo, uma criança emocionou não apenas sua correspondente como todos os estudantes da EJA ao reconhecer os seus esforços pela tentativa de alfabetizarem-se depois de tantos anos vividos, mencionando, em suas palavras, as grandes oportunidades que em geral as crianças têm nos dias atuais e das quais os alunos mais velhos foram excluídos quando tinham as mesmas idades.

[...] gostei muito de ler a sua carta e saber que você está se esforçando para se alfabetizar.
[...] espero que você consiga seu objetivo de mostrar a todos o valor do estudo para nós crianças que hoje em dia temos tantas oportunidades.
Eu contei para minha família e todos estamos torcendo por você! Um beijo minha amiga! [...]

CONCLUSÕES.

O tipo de experiência aqui relatado pode ser capaz de proporcionar mudanças de comportamento e incentivar uma maior compreensão mútua entre alunos de diferentes idades no seu convívio social. Neste caso, a proposta iniciou-se na escola, mas estimulou desdobramentos diferenciados no âmbito das famílias e em outros segmentos sociais. O estímulo para a construção de uma convivência respeitosa e pautada em valores éticos e morais entre cidadãos de diferentes idades foi a consequência mais importante deste trabalho.

Nesse sentido, esta experiência possibilitou uma aproximação entre todos os envolvidos direta ou indiretamente com o projeto. Foram vários os depoimentos dados por diversos membros da comunidade escolar, como pais, professores, funcionários e dirigentes da escola, sobre os efeitos decorrentes deste trabalho, reafirmando a importância desta iniciativa de cunho interdisciplinar e intergeracional nos espaços escolares. A troca de cartas entre os alunos foi muito significativa para todos os envolvidos, como é revelado pelo relato da mãe de uma das crianças: *“Professora, eu me emocionei junto com meu filho neste projeto, ao ler as cartas recebidas por ele e as palavras escritas pelos estudantes idosos, suas histórias e experiências de vida certamente foram muito estimuladoras não só para meu filho como para mim. Nós dois aprendemos muito”*.

O emocionante depoimento a seguir, dado por uma aluna idosa da EJA no momento de escrever a carta de despedida, revela o envolvimento emocional estabelecido entre ela e sua interlocutora: *“Hoje eu estou triste, porque esta é a última carta que escrevo para esta menina. Quando escrevo a ela esqueço todos os meus problemas”*.

Um outro desdobramento deste trabalho foi a intensa adesão dos alunos, evitando o abandono dos estudos e a conseqüente evasão escolar por parte dos estudantes da EJA que sempre foram grandes preocupações tanto de professores quanto de dirigentes escolares. Tivemos relatos de alguns alunos afirmando que embora estivessem muito cansados – devido ao trabalho – e pensando em abandonar a escola, não o fizeram porque queriam continuar a se comunicar com as crianças. Esta é uma clara demonstração não só da força das narrativas das crianças, mas também do envolvimento emocional desencadeado por todo o processo de produção e troca das cartas: o seu recebimento, a leitura, a elaboração da resposta, o envio da correspondência, a expectativa de serem aceitos e o valor das palavras. Em geral, as crianças estimulavam seus interlocutores a continuar e a não desistir dos estudos, dando assim apoio a estes alunos tão carentes e sofridos ao longo de suas vidas. Isto fica claro também pelo relato de estudantes da EJA que afirmaram nunca ter recebido uma única carta em suas vidas. Já as crianças tiveram a oportunidade de manter contato com uma outra realidade: a de uma pessoa que, mesmo envelhecida, desejava participar do mundo letrado.

A possibilidade de trocar cartas entre os estudantes da EJA, sobretudo aqueles com idades bem avançadas, e as crianças pode, deste modo, promover um resgate do elo geracional perdido entre ambos, visto que nas sociedades modernas, devido à fragmentação de muitas famílias, nota-se que a impossibilidade de convívio entre avós e netos vem aumentando. As cartas poderão resgatar valores adormecidos por uns e desconhecidos por outros.

Um ganho adicional ocorreu com os grandes debates vivenciados – não só na escola – tanto por parte dos alunos da EJA quanto por parte das crianças, uma vez que foram muitos os questionamentos e reflexões a respeito das diferenças econômicas, sociais, culturais, religiosas, etárias e étnicas. Nesse sentido, o processo vivenciado pelos alunos possibilitou uma tomada de consciência em relação ao mundo em que vivem, promovendo o respeito pela diversidade e educando para o envelhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS OU DOCUMENTAIS E FONTES CONSULTADAS

- AGRESTE, G. P. *Velhice e Educação: Do desvelar das letras ao desvelar do mundo*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2003.
- ALVES, A. M. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, Anita L. (Org) *Idosos no Brasil – Vivências, desafios e expectativas na Terceira Idade*. São Paulo: SESCSP, 2007.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: *Obras escolhidas*. Vol. I, 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BIRMAN, J. Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise. In: VERAS, Renato. *Terceira idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 1995.
- BOLONHA, A.; ROTTERDAM, E.; LÍPSIO, J. *A arte de escrever cartas*. Tin. E. (org). Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2005.
- CAFFÉ, Eliane (Direção); CATANI, Vânia (Produção). DVD: *Narradores de Javé*. (Brasil: 2003). Gênero: Drama. Duração: 85 minutos.
- CARVALHO, M.C.B.N.M. *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: Projeto era uma vez... Atividades intergeracionais*. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2008 Tese de Mestrado.
- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário dos Símbolos*. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.
- CUNHA, M. T. S. *A escrita epistolar e a história da educação*. Caxambu/MG: 25ª Reunião da ANPED, 2002.
- EISENSTADT, S.N. *De Geração a Geração*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.
- FAZENDA, Ivani. (org). *O que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008
- FERRIGNO, J. C. *Co-Educação entre gerações*. SESC / São Paulo: Vozes, 2003.
- _____. Educação para os velhos, educação pelos velhos e a co-educação entre as gerações: Processos de educação não formal e informal. In: PARK, M. B.; GROppo, L. A. (org.) *Educação e Velhice*. Holambra/SP: Setembro, 2009.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. *Pedagogia da autonomia*. 100 ed. São Paulo: Terra, 2006.
- GAARDER, J.; HELLEN, V.; NOTAKER, H. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (orgs.). *Prezado Senhor, Prezada Senhora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GOLDFARB, D.C; LOPES, R.G.C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas E. V; Py L et al. *Tratado de geriatria e gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006, p. 1374-1382.
- GROppo, L.A. (orgs) *Educação e Velhice*. Holambra-SP: Setembro, 2009.
- LARROSA, J. *Estudar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M. S. *Educação escolar: Políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIMA, C. R.; GIGLIO, Z.G. *Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as gerações*. Americana, SP: Revista de Ciências da Educação –UNISAL, ano IX, nº 17, p.141-163, 2º sem. 2007.
- LOPES, R.G.C.; SANTOS, D.F. A família e o idoso. In: VALLE, L.E.L.R. (org.) *Neurociências na melhor idade*. Ribeirão Preto/SP: Novo Conceito, 2009.

LUZ, A. R. *Unindo Gerações pela escrita: análise de uma experiência educativa alicerçada na troca de correspondência entre idosos e crianças*. In: XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística, Uberlândia/MG 2006.

MALTEMPI, M.A.C.S. *Co-educação: Uma proposta Intergeracional*. ETIC – Encontro de Iniciação Científica. Presidente Prudente/SP: Revista Unitoledo. Vol. 2 No. 2. 2006.

MELO, F.F.S. *Cartas: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico*. São Paulo: PUCSP, 2008. Tese de doutorado.

MINAYO, M.C.S. (Org.) *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece*. São Paulo, Autêntica, 2004.

NADAL, B.G. A escola e sua função social: uma compreensão à luz do projeto de modernidade. In: FELDMANN, M. G. (org). *Formação de professores e escola na contemporaneidade*. São Paulo: Ed. Senac, 2009.

OLIVEIRA, P. S. *Vidas Compartilhadas: Cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

PIMENTEL, A. *O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica*. Departamento de Pesquisa Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina-PR. Caderno de Pesquisa, No. 114, p. 179-195, novembro, 2001.

PRADO, D. *O que é a Família*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROSA, Guimarães. *Ooó do Vovô!: Correspondências de Guimarães Rosa, vovô Joãozinho, com Vera e Beatriz Helena Tess: de setembro de 1966 a novembro de 1967*. São Paulo, Minas Gerais: EDUSP, Imprensa Oficial: PUC Minas, 2003.

SALLES, Walter. (Direção) COHN, A.; CLERMONT-TONNERRE, M. (Produção). DVD: *Central do Brasil* (Brasil: 1998). Gênero: Drama. Duração: 112 minutos.

SANTOS, N.P.T. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

SCLIAR, Moacyr., *A arte de escrever cartas*. In:

SCHMIDT, C. *As relações entre avós e netos: Possibilidades co-educativas?* Porto Alegre: UFRGS, 2007. Dissertação de Mestrado.

TIN, E. (org.). *A arte de escrever cartas*. Campinas-SP: Ed. Unicamp, 2005.

VALE, E. M. *et.al Grupo de Estudo da Memória, tempo e espaço. Relato de Experiência*. Revista Kairos, São Paulo. 6(2), dez. 2003, pp.205-227.